



Percursos do Jornalismo Interiorano:

Projeto Memória.Com e a Imprensa de São José do Rio Pardo (SP)¹

Autores: Maria do Socorro Veloso e Rodolfo Tiengo Fernandes²

Instituição: Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - UNIFAE

Resumo

O presente artigo dá continuidade à sistematização da história da imprensa na macro-região de São João da Boa Vista, interior de São Paulo, realizada pelo curso de Jornalismo do Unifae, por meio do Projeto Memória.Com. Trata do surgimento da imprensa de São José do Rio Pardo, cidade notabilizada pelo culto à memória do jornalista e escritor Euclides da Cunha. Os embates políticos explicam a origem de grande parte dos jornais locais, entre eles a *Gazeta do Rio Pardo*, que está prestes a completar cem anos de fundação.

Palavras-chave: Jornalismo interiorano; São José do Rio Pardo; Projeto Memória.Com

Introdução

Os jornais do interior desempenham papel fundamental junto às comunidades em que circulam, apesar das limitações para sua produção. Do ponto de vista histórico, representam um registro único, uma leitura imediata do presente de determinada cidade ou região, de sua cultura e singularidades econômicas e políticas. No âmbito social discutem os principais temas e eventos da comunidade, colocando em evidência demandas da população, bem como o jogo político local. Além disso, os jornais do interior dão espaço para que escritores, intelectuais e personalidades locais divulguem suas idéias sobre temas gerais. Como observa Queiroz (2002, p.4):

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

² A autora é jornalista, doutoranda em Comunicação pela ECA/USP e professora de Jornalismo do Unifae; o autor é estudante de Jornalismo do Unifae. Colaboraram na pesquisa e entrevistas: Eliana Marta Marsulo, Nayara Vasconcelos e Nathália dos Santos, estudantes de Jornalismo do Unifae.



Hoje, os municípios estabeleceram como premissa a necessidade e o desejo de continuarem obtendo informações sobre a sua cidade, a sua rua, o seu time de futebol, as ações dos políticos locais, os atores e os movimentos culturais da sua própria terra, entre outras peculiaridades.

A maior crítica à produção jornalística regional, no entanto, refere-se à relação muitas vezes perniciosa que a mídia impressa e eletrônica estabelece com o poder público, cujos estreitos vínculos embutem defesa de interesses pessoais ou privativos da elite local. Trata-se de uma “parceria silenciosa”, como define Queiroz, estabelecida pelo status de grande anunciante que possui o poder público, tanto no caso das prefeituras, como dos governos estaduais e federal. Dependendo do modo como o dinheiro público é distribuído à imprensa local, os veículos podem tanto defender como atacar as ações governamentais. “Trata-se de um círculo vicioso que tira, na mesma proporção, a credibilidade dos homens públicos e da imprensa, nos seus níveis nacional, estadual ou local”. (QUEIROZ, 2002, p.5)

É comum encontrar nas cidades do interior ao menos dois estereótipos de jornal: o de “situação” – pejorativamente chamado de “chapa branca” -, que sustenta as idéias e a gestão do prefeito, e o de oposição, cuja linha editorial é crítica ao poder político dominante, com o interesse de derrubá-lo e substituí-lo. “E não se pergunta o que quer o leitor: serve-se a ele, no café da manhã, uma coalhada não de informações, mas de opiniões geralmente de mão única: a favor ou contra o prefeito de plantão”, constatam os jornalistas Allan de Abreu e Cirilo Braga, em artigo publicado no Observatório da Imprensa.³

Em outro artigo, divulgado no mesmo site, Allan de Abreu afirma que o jornalismo interiorano — especificamente o ligado à situação — é “bem educado”, similar “às práticas da imprensa anteriores ao fim do século 18 na Europa, quando os jornais eram simplesmente uma extensão das vontades do poder e o jornalismo era o instrumento da oficialidade”:

Hoje, pensa-se que essa situação é ultrapassada, e que o próprio conceito de jornalismo se modernizou. Mas a afirmação é verdadeira só pela metade. Não vale para muitas cidades do interior do país, onde há mais promiscuidade na relação entre imprensa e poder do que se pode imaginar.⁴

Esta prática, segundo o autor, atrapalha o ideal democrático de possibilitar que a sociedade fiscalize as ações dos governos e das elites, e acaba com a integridade moral da imprensa: “O resultado imediato é a prática de um jornalismo oficialesco, preguiçoso,

³ ABREU, Allan de; BRAGA, Cirilo. “Carapuças balzaquianas”. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd130320021.htm>. Acesso em 04/04/2007.

⁴ ABREU, Allan de. “A ética como etiqueta”. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd290520022.htm>. Acesso em 04/04/2007.



acostumado a ouvir o prefeito ou o secretário, mas que poucas vezes ouviu alguma reclamação de um popular”, critica Abreu. Nesse contexto, não há espaço para reportagens investigativas sobre a atuação do poder constituído, visto que, com este, determinados jornais mantêm relação não de respeito, mas de total obediência.

Constatação similar é feita por Pedro Celso Campos:

Geralmente, nas cidades com cerca de 50 mil habitantes, o principal cliente do jornal é a prefeitura. Em muitos casos essa dependência cria uma vinculação excessiva entre o jornal e o poder público municipal, de modo que o leitor vai encontrar nas páginas do jornal não o noticiário sobre a cidade, mas o noticiário sobre a administração municipal.⁵

O desenvolvimento da imprensa interiorana

Mesmo com tantas críticas à atuação da imprensa do interior, não se pode ignorar o papel histórico dos jornais nas comunidades onde circulam. Longe dos principais centros urbanos criou-se, principalmente após a industrialização da atividade, um modo diferente de se fazer jornalismo, que geralmente foge aos padrões estabelecidos pela grande imprensa — especialmente no que concerne à linguagem, pautas, diagramação e publicidade.

A despeito das dificuldades financeiras, dos baixos salários, da carência de profissionais habilitados, do vínculo com grupos políticos e das limitações editoriais e gráficas, esses veículos de comunicação são vistos como eficazes formadores de opinião. “Os jornais do interior são a ‘voz’ das suas comunidades. São neles, com seus artigos, editoriais, cartas de leitores, denúncias, que vemos a opinião pública manifestar-se sobre os assuntos que lhe dizem respeito”. (QUEIROZ, 2002, p.5)

Sabe-se que a maior parte dos jornais paulistas mais antigos funciona fora da capital do Estado, “dando ao jornalismo interiorano uma nova dimensão sobre a leitura dos seus compromissos com a imprensa paulista” (QUEIROZ, 2002, p.8). Embora tenha sido criada com atraso, a imprensa regional de São Paulo desenvolveu-se e ocupa, hoje, posição privilegiada no jornalismo brasileiro, no que se refere à tiragem, orçamento e estrutura industrial. “Quanto ao interior de São Paulo, embora tardiamente, teve um jornalismo fértil e brilhante, que constituiu, mesmo, outra grande escola”. (NOBRE, 1950, p.83)

Segundo Nobre, foi Campinas a primeira cidade do interior do Estado a ter uma oficina tipográfica em 1832, de propriedade de “Antonio Hercules Romualdo Florenço, que a adquiriu na Côte, por rs. 850\$000, dando-lhe o nome de ‘Autografia’”. (1950, p. 83).

⁵ CAMPOS, Pedro Celso. “O papel do jornal no interior”. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd20092000.htm>. Acesso em 4 de abril de 2007.



Mas foi “o pe. Diogo Antônio Feijó que, em 1842, aqui [Sorocaba] editou O Paulista, primeiro jornal do interior”.⁶

Com o aprimoramento das técnicas tipográficas e com a implementação das novas tecnologias, a imprensa interiorana paulista ganhou força. Segundo Campos, atualmente há 436 jornais filiados à Associação dos Jornais do Interior (Adjori), quase um por município. “Segundo essa entidade, 54% dos leitores de jornal, no interior paulista, lêem somente o jornal da sua cidade, contra 11% que só lêem jornais da capital. Entre os leitores, 35% são assinantes de jornais da capital e também do local. A Adjori informa que a tiragem média dos jornais do interior paulista é de 3.900 exemplares”.⁷

Campos atribui o crescimento dos pequenos jornais ao poder econômico do interior paulista, “que tem taxas de crescimento e indicadores sociais comparados aos de países desenvolvidos”. Além disso, os números da Adjori — apontando que mais da metade dos leitores de jornais (54%) só lê as publicações de sua cidade — revelam a representatividade dos pequenos veículos nas comunidades em que atuam. “O jornal do interior como ‘leitura local’ será sempre insubstituível como marco referencial da comunidade”.

Segundo o autor, a experiência empresarial e editorial dos jornais interioranos é mais conturbada que dos grandes, “em que as pressões são maiores e mais diretas, tanto por parte dos leitores como dos anunciantes (...) principalmente quando o jornalista-empresário pretende se manter incorruptível”. Em sua opinião, o futuro da imprensa interiorana é garantido, ainda que diante da grande mídia e da profusão de novos recursos da comunicação global:

Os jornais de comunidade tendem a crescer de importância, pois é para ele e para os demais veículos sérios do lugar que a comunidade se volta como naufraga do mar global de notícias em busca de referência, de ponto de apoio, de reconhecimento da própria identidade. No jornal da cidade ou na emissora de rádio local, o receptor sabe que seu nome não vai sair errado e só ali ele ficará sabendo que o trânsito da rua da sua casa vai mudar de mão. Isto não seria possível no grande jornal globalizado que chega pelo correio às 10h.

⁶ Projeto Memória (Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba – SP). Disponível em <http://www.fua.org.br/projeto.html>. Acesso em 4 de abril de 2007.

⁷ Op.cit.



Para Queiroz (2002, p. 7), “o grande mérito do jornalismo regional é o de sobreviver como empresa. Fazer um jornal, do ponto de vista empresarial, é um desafio”. Entretanto, para que os veículos de comunicação local se estabeleçam, adotando postura ética e alcançando estabilidade financeira, aponta-se a necessidade da profissionalização e da sensibilização por parte dos *publishers* e jornalistas quanto à importância desta imprensa para a sociedade. “As redações dos jornais do interior paulista são de boa qualidade, a partir do advento das escolas de comunicação que hoje procuram dar uma visão ampla, do ponto de vista técnico, correta do ponto de vista ético e diversificada do ponto de vista operacional”. (QUEIROZ, 2002, p. 5)

Memória.Com e a imprensa de São José do Rio Pardo

Reconstituir a trajetória de jornais produzidos no interior, trazendo à luz as circunstâncias em que surgiram e suas peculiaridades, é o objetivo central do Memória.Com, um projeto de pesquisa desenvolvido desde 2005 no Unifae (Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino), de São João da Boa Vista (SP). Associado à Rede Alfredo de Carvalho, visa contribuir para a sistematização da história da imprensa brasileira nas comemorações de seu bicentenário, a ser completado em junho de 2008.

O foco do projeto são os veículos sediados na macro-região paulista onde o Unifae está localizado. Contudo, em função da proximidade geográfica e das acentuadas trocas culturais e econômicas na divisa dos dois Estados, o Memória.Com também manifesta interesse pela imprensa do sul de Minas Gerais, especialmente aquela presente na região de Poços de Caldas.

Coordenado pela professora Maria do Socorro Veloso, e contando com a colaboração atual de um grupo de 14 alunos de Jornalismo, do 1º ao 4º ano do curso, o Memória.Com inclui, entre suas atividades, pesquisa bibliográfica, coleta de documentação, registro de depoimentos em vídeo e produção de artigos científicos - o primeiro, apresentado em 2006 no 4º Encontro Nacional de História da Mídia, em São Luís (MA), abordou a história da imprensa de São João da Boa Vista, que sedia um jornal centenário, *O Município*.

O presente estudo dá seqüência a este esforço de pesquisa. Produzido a partir de levantamento bibliográfico, pesquisa documental e de entrevistas gravadas com editores e proprietários de jornais da cidade celebrizada pelo culto à memória do jornalista Euclides da Cunha, o artigo visa apontar as condições em que surgiu e se desenvolveu a imprensa rio-pardense.

O município de São José do Rio Pardo fica no interior do Estado de São Paulo, a 264 quilômetros da capital. Com população estimada em pouco menos de 53 mil habitantes, tem tradição no plantio de cebola e café. Conta com mais de mil estabelecimentos comerciais e 84 indústrias de pequeno, médio e grande porte.

Rio Pardo é conhecida por seus esforços em guardar e estudar a biografia e a obra de Euclides da Cunha, autor do livro *Os Sertões*. Anualmente, acontece no município a Semana Euclidiana, evento de que participam jovens estudantes e professores de todo o país visando discutir temas referentes ao chamado “euclidianismo”.⁸

Existem hoje na cidade três emissoras de rádio comerciais (Jovem Pan FM, Notícia FM e Difusora AM), duas rádios comunitárias (Maria FM e Esperança FM) e dois jornais semanais (*Gazeta do Rio Pardo* e *Democrata*).⁹

A imprensa rio-pardense surge em meio a um cenário de transformações sociais importantes para a recém-instalada Vila de São José do Rio Pardo. Em 1886 já repercutia ali o movimento abolicionista, com a decadência da mão-de-obra escrava. Foi uma época em que os imigrantes, principalmente os italianos, começaram a habitar e ampliar o quadro urbano.¹⁰

Os imigrantes desenvolveram a cidade, com um novo comércio; pequenas fábricas; oficinas de fundo de quintal; casas bancárias, de câmbio e descontos; restaurantes, pousadas. (...) Movimentaram a vida cultural com suas sociedades, festas, escolas, concertos e sessões literárias, imprensa, manifestações políticas.¹¹

⁸ O euclidianismo é um movimento cívico, literário e cultural, e existe em São José do Rio Pardo desde 1912. A primeira manifestação pública ocorreu quando um grupo de admiradores e amigos de Euclides da Cunha deslocou-se até a Cabana de Zinco no dia 15 de agosto, ali prestando uma homenagem ao jornalista, cujo assassinato estava impune. Inicialmente rememorava-se Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo somente a 15 de agosto. Na década de 30, o “Episódio Republicano”, ocorrido na cidade a 11 de agosto de 1889, foi agregado ao evento. Em 1940 ocorreu a sistematização definitiva da Semana Euclidiana: 9 a 15 de agosto. (Informações disponíveis em <http://oriundi.net/index.php>. Acesso em 18 de abril de 2007)

⁹ Disponível em <http://www.saojoseonline.com.br>. Acesso em 11 de abril de 2007.

¹⁰ Disponível em <http://www.euclidesdacunha.org/historiasj.htm>. Acesso em 11 de abril de 2007.

¹¹ Idem

O primeiro jornal de que se tem registro em São José do Rio Pardo foi lançado em 1887. *O Mosquito* “já circulava no ano seguinte ao da instalação do município, sob a direção de Adolfo Paulido; dizia-se apologista da instrução”. A publicação era editada em Campinas e circulava aos sábados, com preço de 40 réis por exemplar com quatro páginas. Segundo a historiadora Amélia Franzolin Trevisan, a edição de número 3, datada de 7 de dezembro de 1887, “informa a instalação do telégrafo, a abertura ao tráfego do Ramal Férreo do Rio Pardo, além de encarecer a necessidade de se abrir uma estrada de rodagem até Guaxupé e de se construir uma ponte sobre o rio Pardo”.¹²

No mesmo ano do surgimento de *O Mosquito* começa a circular *O Pernilongo*, redigido por Mário Rodrigues e que teve somente sete números.

Em 1889, o jornal *O Tiradentes*, publicado pela primeira vez em 21 de abril daquele ano e dirigido por Cândido Prado, defendia os ideais republicanos. Circulou curiosamente até 11 de agosto, dia do Episódio Republicano¹³ — acontecimento marcante em que manifestantes tomaram as dependências da Casa da Câmara e Cadeia, hastearam “a bandeira revolucionária de Júlio Ribeiro” e proclamaram a República, “sob o som da proibida Marselhesa”.¹⁴

Seguidamente surgem *O Rio Pardense*, em 1894, com tipografia na cidade de Casa Branca; *O Movimento*, em 1895, impresso em Campinas; e *Oeste de São Paulo*, em 1897, que foi transferido de Casa Branca para São José do Rio Pardo. A 12 de fevereiro de 1899 começou a circular *O Rio Pardo*, um jornal bissemanal de conteúdo político, sob a direção de Mauro Pacheco. No ano seguinte o jornal publicou, em edição especial, artigo assinado pelo escritor e engenheiro Euclides da Cunha, tratando do descobrimento do Brasil. Mais tarde *O Rio Pardo* foi vendido para Valêncio Bulcão, e nesta fase seu primeiro número saiu em 6 de janeiro de 1901. Neste mesmo período publicava-se também *O Sol*, semanal editado por Valeriano P. Sandry, cuja sede se localizava na rua Benjamin Constant.

O jornalismo engajado de Paschoal Artese

¹² TREVISAN, Amélia Franzolin. “Imprensa de São José do Rio Pardo”. Disponível em http://www.jornaldemocrata.com.br/materias/menu_principal.asp?secao=103. Acesso em 16 de março de 2007.

¹³ Idem.

¹⁴ Disponível em <http://www.euclidesdacunha.org/historiasj.htm>. Acesso em 11 de abril de 2007.



Dentre as muitas personalidades que de alguma maneira contribuíram para o desenvolvimento da imprensa em São José do Rio Pardo, destaca-se o jornalista italiano, vindo da região de Calábria, Paschoal Artese. Ele editou os jornais *O Proletário*, *A Defesa do Povo* e *Resenha* - este último perdurou por aproximadamente quatro décadas.

Seu engajamento político nas questões locais, entre elas o culto intelectual a Euclides da Cunha - caro às tradições locais -, sempre foi evidente. Com permanente postura crítica, Paschoal Artese deixou referências importantes para a história do município. Comenta a seu respeito o jornalista Luis Trinca Filho, chefe de redação do jornal *Democrata*:

Paschoal Artese é um ícone da imprensa rio-pardense e modelo para os jornalistas atuais por ter pautado toda sua vida profissional no desenvolvimento urbano do município (...) Imigrante italiano, autodidata, professor, empreiteiro e construtor, Paschoal Artese ainda é figura preponderante em questões políticas locais, quarenta anos depois de sua morte. Muitos problemas verificados no município hoje já eram discutidos em seu jornal.¹⁵

Tamanha foi sua contribuição para São José do Rio Pardo que o principal acervo referente à história da imprensa local carrega seu nome. A Hemeroteca “Jornalista Paschoal Artese”, que atualmente se encontra anexada à Biblioteca Municipal Monteiro Lobato, foi inaugurada em 1975 na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em homenagem ao ilustre imigrante.

Sua contribuição jornalística se inicia, de fato, em 1899, com o jornal *O Proletário*. Ao lado de Euclides da Cunha, José Campos e Francisco de Escobar, Artese funda a 1º de maio daquele ano “uma das mais violentas publicações socialistas do país” (NOBRE, 1950, p. 173). Um dos raros exemplares localizados pela pesquisadora Amélia Franzolin Trevisan é o de número 7, de 5 de fevereiro de 1902. Com formato 28x38 cm, tinha quatro páginas, contendo textos em italiano e português. No cabeçalho da primeira edição, segundo Nobre, constava uma frase de autoria de C. Prampolini, traduzida, informa Trevisan, por Euclides da Cunha:

¹⁵ Entrevista concedida por e-mail aos autores em 4 de abril de 2007.



A miséria não nasce da maldade dos capitalistas, mas da péssima organização da sociedade e da propriedade privada; por isso, não pregamos o ódio às pessoas nem à classe dos ricos, mas pregamos a urgente necessidade de uma reforma social que estabeleça sob uma base humana, a propriedade coletiva. (NOBRE, 1950, p. 88)

Segundo Trevisan, *O Proletário* publicou em primeira página, no dia 29 de janeiro de 1902, um artigo sobre a organização do Partido Socialista, no qual eram descritas 11 premissas básicas para o Programa Mínimo Internacional do Congresso Socialista Brasileiro, todas de autoria atribuída a Euclides da Cunha. Entre os principais ideais estavam a proibição do trabalho a menores de 14 ou 15 anos, a obrigatoriedade de escolas gratuitas para todas as crianças, emancipação da mulher, organização do trabalho e o fornecimento gratuito de luz a todos (NOBRE, 1950, p.88). Aos poucos, o jornal adquiria notoriedade. “O destaque e a repercussão que esse periódico socialista conquistou em todo o Estado, deve-se, por isso mesmo, à orientação de Euclides da Cunha que se encontrava na cidade de São José do Rio Pardo, reconstruindo uma ponte que ali ainda hoje existe (...)”, afirma Nobre (1950, p.90).

A publicação socialista teve seu último número em 30 de maio de 1906, “em apoio à Federação Operária de São Paulo pela convocação da greve geral” da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.¹⁶

Em fevereiro de 1917 Paschoal Artese lançou *A Defesa do Povo*, jornal combativo que tinha distribuição gratuita e era publicado “quando necessário” (NOBRE, 1950, p. 223), ou seja, não tinha periodicidade definida. Este, graças à sua postura radical, passou por interrupção. “Em virtude de violentas críticas à Prefeitura, à Câmara e à Polícia, foi obrigada a suspender sua publicação nesse ano de convulsão social com greves, prisões e deportação de estrangeiros”¹⁷. Dois anos depois o jornal voltou a ser publicado, mas logo saiu de circulação.

¹⁶ TREVISAN, Amélia Franzolin. “Imprensa de São José do Rio Pardo”. Disponível em http://www.jornaldemocrata.com.br/materias/menu_principal.asp?secao=103. Acesso em 16 de março de 2007.

¹⁷ Op.cit.



Após ter ficado à frente de dois jornais esquerdistas e efêmeros, Paschoal Artese decidiu comandar sozinho a *Resenha*, a partir de 15 de outubro de 1922. Segundo Trevisan, a data em que circulou a primeira edição do semanário representa um marco na história da imprensa rio-pardense. A princípio, a publicação era uma pequena revista dedicada à arte, literatura, propaganda e ciência, cujos lucros se destinariam à conservação do Jardim Artístico. *Resenha* apresentava-se em formato 16x24, com 8 páginas, a 200 réis o exemplar. Mais tarde, em outro formato, o jornal fixou-se como “órgão defensor do povo”. Era totalmente produzido por Paschoal Artese, que por 43 anos se dedicou às lutas da comunidade.

Luis Trinca Filho explica que o jornal tinha cunho combativo:

Resenha empreendeu grandes campanhas, como a construção do Ginásio do Estado, instalação de uma Faculdade de Odontologia (não concretizada por questões políticas), construção de um sanatório em Divinolândia (hoje Hospital Regional do Conderg), descoberta e publicação do Livro de Atas da fundação do município, comemorando o centenário de São José em 1965, instalação de escolas, construção do hospital e, talvez sua maior contribuição urbanística, a transformação do velho cemitério central em um Jardim Artístico, considerado o mais belo do interior paulista, com obras de arte adquiridas na Itália e pagas de seu próprio bolso.¹⁸

Cidade Livre e a luta pela redemocratização do país

Em 1979, durante a ditadura militar, surge em São José do Rio Pardo o Cidade Livre, jornal que ficou notabilizado por ancorar-se em ideais democráticos. A publicação, segundo Trevisan, circulou pela primeira vez na Semana Euclidiana, no dia 12 de agosto. Ficou sob a

¹⁸ Entrevista concedida por e-mail aos autores em 4 de abril de 2007.

direção de Jorge Baptista e Hélio Pereira Navarro, que dedicou sua carreira política à luta contra o regime militar, segundo afirma o editor-chefe do jornal Democrata, Paulo Fernando Flamínio Peres, que também trabalhou no Cidade Livre:

Ele era deputado federal e se elegeu após ter se graduado na faculdade de Direito do Largo São Francisco. Integrava o MDB com nomes que se projetaram muito mais posteriormente como Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso. Hélio Navarro fazia uma oposição sistemática ao governo militar. Ele lutava de forma bastante corajosa pela redemocratização do país.¹⁹

Segundo Peres, o jornal foi criado assim que Hélio Navarro readquiriu seus direitos políticos, cassados em 1968, com a promulgação do Ato Institucional número 5. Com sede à rua Ruy Barbosa, o *Cidade Livre* tinha oficina tipográfica própria e se pautava nas questões nacionais. “O jornal tinha propósito inicial de ser estritamente local, mas não era”.

Faziam parte da equipe de redação e reportagem Ivanildo Bezerra de Barros, Fernando de Syllos, Paulo Fernando Flamínio Peres, entre outros colaboradores. Barros afirma que quando chegou para trabalhar no jornal, no final da década de 1970, o *Cidade Livre* tinha colunistas como Fernando Morais e Márcio Moreira Alves e baseava-se no ideal de fazer com que a democracia se restabelecesse. “Era um grão de areia, mas tinha o seu valor”.²⁰

O fim do *Cidade Livre* coincide, segundo Peres, com o processo de abertura política pelo qual o Brasil passava nos primeiros anos da década de 1980. Barros afirma que uma grande dificuldade enfrentada pelo jornal foi o medo de pessoas da comunidade e dos anunciantes, que não queriam “peitar a ditadura” ou serem acusados de coadunar com idéias contra-revolucionárias.

¹⁹ Entrevista concedida aos autores em 26 de março de 2007.

²⁰ Entrevista concedida aos autores em 26 de março de 2007.



Gazeta e Democrata: expressões da imprensa rio-pardense

Gazeta de Rio Pardo e o *Democrata* são, hoje, os dois jornais de expressão da cidade. Ambos circulam uma vez por semana.

A *Gazeta* pertence desde 1974 à família do deputado federal Silvio Torres (PSDB - SP), também detentora da Rádio Jovem Pan local. Auto-intitulado “Órgão do povo” em seu primeiro número, datado de 1º de maio de 1909, está prestes a completar um século de existência.

Segundo o historiador rio-pardense Rodolpho Del Guerra (2002, p. 10), a *Gazeta* surgiu como “propriedade de um grupo de idealistas, liderado pelo Cap. Luiz Romano”. Sua primeira redação funcionou em um externato para meninos na Rua Benjamin Constant. A escola era dirigida por Luiz Teixeira de Carvalho, que também atuava como redator do jornal. As colunas eram franqueadas aos leitores, que podiam escrever em italiano.

Em 1913, antes das eleições de outubro, os dissidentes do Partido Republicano de São José do Rio Pardo, divididos em PR Conservador e PR Liberal, reuniram-se no palacete de Honório Luiz Dias para, num acordo, formarem o Partido Republicano Municipal e nomearem uma chapa de candidatos a vereadores e juiz de paz.

Um jornal para o novo partido era importante para fazer frente aos conservadores situacionistas, que tinham o jornal **O Rio Pardo** como seu órgão oficial.

Luiz Romano, fundador da **Gazeta do Rio Pardo** e candidato a vereador do novo partido, fez do seu jornal o “Órgão Oficial do Partido Republicano Municipal, sendo o vencedor nas urnas”. (GUERRA, 2002, p. 11)

Entre as décadas de 20 e 50 o jornal teve pelo menos quatro proprietários. Em dezembro de 1950 o veículo abandonou a composição tipo a tipo, o que foi possível com “a aquisição da moderníssima impressora tipográfica automática ‘Hosenberg’, uma das primeiras, ou talvez a primeira, a funcionar no interior de São Paulo” (GUERRA, 2002, p. 12).

A publicação do jornal foi interrompida até março de 1951, para que o novo sistema pudesse ser implantado. Bissemanal, a *Gazeta* apresentava-se àquela época como “A palavra euclidiana”. De 1954 a 1958 atuou como matutino diário, quando teve sua

circulação interrompida. O jornal só voltaria a funcionar quatro anos depois, com edições semanais. O computador e a impressão *off set* chegariam em março de 1991.

De volta ao jornal após mais de 20 anos, o editor-chefe Marco Aurélio Mendonça afirma:

Eu reassumi (...) e vi que o público que continua lendo o jornal é mais velho, porque o foco da juventude hoje mudou para a internet. E esse é o grande desafio da imprensa escrita: contornar esse avanço avassalador da internet. Nós estamos tentando modificar a linguagem e a própria disposição gráfica do jornal, no sentido de atrair o público jovem. Mas não sei a médio e longo prazo o que nós vamos conseguir com isso.²¹

Bem mais recente, o jornal *Democrata* surge em 10 de setembro de 1988. Criado com o objetivo de apoiar a campanha a prefeito do candidato Celso Amato (antigo PFL, hoje PD) nas eleições daquele ano, começou a circular com oito páginas. O nome foi sugestão do professor Márcio Jose Lauria, segundo Del Guerra (2002, p. 15) Paulo Flamínio, atual editor do jornal, confirma as circunstâncias de seu surgimento:

Surgiu como sempre aconteceu aqui, pelo menos até a década de 80, com um propósito eleitoral e eu me lembro muito bem do primeiro editorial. O número 1 do jornal *Democrata* admitia que o jornal surgia para a sustentação a uma candidatura do Celso Amato, em 1988, para as eleições municipais. (...) O *Democrata* surgiu sim com esse propósito.²²

Nos primeiros anos, o jornal era produzido artesanalmente e tinha distribuição gratuita. “Chegávamos a recortar tipos de grandes jornais (...) e aplicávamos no nosso gabarito. (...) E daí saía o jornal, uma coisa artesanal”, lembra Peres.

O atual editor do *Democrata* observa que, após as eleições de 1988, o jornal foi mantido para dar sustentação ao mandato de Celso Amato. “Mas (...) havia um senso de responsabilidade diferenciado, pelo menos daquilo que se tinha visto até então aqui na cidade. O jornal não se abstinha de criticar, não manipulava as eventuais reclamações que chegassem”. A tentativa de dissociação política só teria sido iniciada anos mais tarde, segundo Luis Trinca Filho:

²¹ Entrevista concedida aos autores em 26 de março de 2007.

²² Entrevista concedida aos autores em 26 de março de 2007.



O jornal era, definitivamente, político. Para se ter uma idéia, nem tinha propagandas, sendo custeado integralmente por esse grupo. A partir de 93 o jornal assumiu nova linha editorial que priorizava a informação e fui contratado como repórter. A equipe era bem pequena e contava também com um diagramador, digitador e repórter fotográfico.

Inicialmente rodado em São João da Boa Vista, na gráfica da diocese local, o *Democrata* ganhou impressora própria. Também foi equipado com laboratório de foto, visando a profissionalização do veículo que nasceu para apoiar um projeto político-partidário.

Nas entrevistas concedidas ao Projeto Memória.Com, os editores da *Gazeta de Rio Pardo* e do *Democrata*, ao mesmo tempo em que admitem conexões com grupos da elite política local, contraditoriamente sugerem o desatrelamento da linha editorial dos jornais com esses mesmos grupos.

Marco Aurélio de Mendonça, editor-chefe da *Gazeta de Rio Pardo*, afirma:

[o jornal] não é atrelado a nada. O jornal é de propriedade de uma família que tem ligações políticas. Evidentemente tem [atrelamento] quando entra na parte opinativa (...). Mas a informação que o jornal transmite nas matérias não tem nenhuma vinculação. O que se busca, fundamentalmente, é apresentar a verdade dos fatos. Essa é a premissa que eu vou, como profissional, tentar imprimir ao máximo possível. Mas se tiver que opinar sobre alguma coisa, [o jornal] vai opinar pró-partido político que detém o poder do jornal [PSDB].

A mesma postura é apresentada por Paulo Flamínio Peres, editor-chefe do *Democrata*:

(...) é claro, o jornal tinha afinidade com a administração, que era do Celso Amato. [Mas] havia um senso de responsabilidade diferenciado, pelo menos daquilo que se tinha visto até então aqui na cidade. O jornal não se abstinha de criticar, não manipulava as eventuais reclamações que

chegassem, que atingissem de frente a própria administração municipal. Havia já uma preocupação com a ética (...) O concorrente mais direto, ao contrário, era mais radical, já que não tinha afinidades com o prefeito (...).

Considerações finais

A história da imprensa de São José do Rio Pardo tem as marcas da própria história da imprensa interiorana de São Paulo, que desde o nascedouro esteve no centro das lutas políticas regionais. Para os jornais que sobreviveram a essas lutas e tentam se firmar num ambiente profundamente alterado pelo avanço das novas tecnologias de comunicação, mesmo nas pequenas cidades, permanece o desafio: o de que possam, de fato, ampliar a voz dos diferentes grupos sociais e de suas demandas.

Os canais de informação se multiplicam velozmente, permitindo aos cidadãos ampliar suas escolhas – o que, pelo menos teoricamente, tende a fortalecer seu senso crítico em relação aos produtos jornalísticos, sejam eles de âmbito local ou nacional. Sem esta percepção, é pouco provável que jornais nascidos com o objetivo de sustentar projetos políticos, e que com este objetivo se mantêm, resistam a tantas e tão rápidas mudanças.

Referências

ABREU, Allan de; BRAGA, Cirilo. “Carapuças balzaquianas”. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd130320021.htm>. Acesso em 04/04/2007.

ABREU, Allan de. “A ética como etiqueta”. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd290520022.htm>. Acesso em 04/04/2007.

CAMPOS, Pedro Celso. “O papel do jornal no interior”. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd20092000.htm>. Acesso em 04/04/2007.

GUERRA, Rodolpho José Del. *E as sementes florescem*. São José do Rio Pardo, SP: 2002.

MELO, José Marques. “O jornalismo centenário paulista”. In: QUEIROZ, Adolpho; OLIVEIRA, Dennis de (org.). *Jornais centenários de São Paulo*. Piracicaba, SP: Degaspari, 2002, p. 1-2.

NOBRE, Freitas. *História da Imprensa de São Paulo*. São Paulo: Leia, 1950.

PROJETO MEMÓRIA. *Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba – SP*. Disponível em <http://www.fua.org.br/projeto.html>. Acesso em 4 de abril de 2007.



QUEIROZ, Adolpho; OLIVEIRA, Dennis de (org.). *Jornais centenários de São Paulo*. Piracicaba, SP: Degaspari, 2002.

TREVISAN, Amélia Franzolin. “Imprensa de São José do Rio Pardo”. Disponível em http://www.jornaldemocrata.com.br/materias/menu_principal.asp?secao=103. Acesso em 16 de março de 2007.

Entrevistas

BARROS, Evanildo de Bezerra. Entrevista gravada, concedida em 26/03/2007.

MENDONÇA, Marcos Aurélio. Entrevista gravada, concedida em 26/03/2007.

PERES, Paulo Fernando Flamínio. Entrevista gravada, concedida em 26/03/2007

TRINCA FILHO, Luis. Entrevista concedida por e-mail em 04/04/2007.

Sites consultados

<http://www.saojoseonline.com.br>. Acesso em 11 de abril de 2007.

<http://oriundi.net/index.php>. Acesso em 18 de abril de 2007.

<http://www.euclidesdacunha.org>. Acesso em 11 de abril de 2007.

<http://www.jornaldemocrata.com.br>. Acesso em 16 de março de 2007.